

Almanaque Ilustrado do Jequitinhonha¹

Fabíola Carolina de SOUZA²

Bruna Bezerra Lubambo MAIA³

Márcio Simeone HENRIQUES⁴

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O *Almanaque Ilustrado do Jequitinhonha* foi produzido por alunos do curso de Comunicação Social da UFMG, bolsistas do Programa de Extensão Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha. A publicação teve três edições mensais – julho, agosto e setembro de 2011 – e reuniu reportagens, “causos”, contos, lendas e curiosidades sobre diversas cidades do Vale do Jequitinhonha e sobre a cultura da região. Discutiremos neste trabalho como o Almanaque contribuiu não só para o desenvolvimento das habilidades profissionais dos estudantes envolvidos, como para o registro cultural das cidades do Vale, suas tradições, sua culinária, suas histórias e suas peculiaridades.

PALAVRAS-CHAVE: Almanaque; cultura; Polo Jequitinhonha; Vale do Jequitinhonha.

1 INTRODUÇÃO

Situado no nordeste de Minas, o Vale do Jequitinhonha é povoado por aproximadamente um milhão de pessoas, distribuídas em 80 municípios, o que lhe confere uma grande diversidade sociocultural. No entanto, como aponta Nascimento (2009), tal diversidade tende a ser negligenciada pela difusão de informações que predominantemente salientam suas mazelas deixando de lado a riqueza das manifestações culturais da região.

O Vale do Jequitinhonha, embora estigmatizado ao longo do tempo pelo estereótipo miserável da carência, em função da existência de sérios problemas de ordem social e econômica, agravados por fatores de ordem ambiental, também apresenta uma rica cultura, que se manifesta de várias formas entre o seu povo. Assim, poderíamos caracterizar a região em função dos seus extremos, mas extremos que interagem entre si, num processo dialético configurando a realidade vivenciada pelos moradores do Vale do Jequitinhonha. (NASCIMENTO, 2009, p.9)

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Revista Impressa.

² Aluno líder do grupo e recém graduada no curso de Comunicação Social da UFMG, email: fabiolasouzajor@gmail.com.

³ Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social da UFMG, email: brunab.lubambo@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFMG, email: simeone@ufmg.br.

Criado em 1996, com o objetivo de articular as iniciativas da UFMG na região do Vale do Jequitinhonha, o Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha é um programa de desenvolvimento regional que procura promover o reconhecimento da cultura local.

Em mais de quinze anos de atuação, o Polo Jequitinhonha estabeleceu inúmeras parcerias com municípios da região, sendo a articulação com a população local uma das principais diretrizes do programa. É “um programa concebido e desenvolvido ‘com’ o Vale e não ‘para’ o Vale. Os parceiros locais são, de fato, parceiros. Participam da concepção, desenvolvimento e avaliação dos projetos” (NOGUEIRA, 2008, p. 20).

Em contraste com os inúmeros problemas enfrentados pela região, na qual parte da população vive em condições de extrema pobreza, destaca-se no Vale um rico patrimônio histórico-cultural. Festas religiosas, festivais culturais, músicas e danças folclóricas, artesanato, lendas e contos integram o cotidiano da população.

Diante de tudo isso, o *Almanaque Ilustrado do Jequitinhonha* foi criado com o intuito de fazer um registro cultural das cidades do Vale, retratando as riquezas da cultura popular da região e contrapondo estereótipos vigentes como o de “Vale da miséria”. Para que o *Almanaque Ilustrado do Jequitinhonha* tivesse de fato a “cara” do Vale, os bolsistas do programa Polo Jequitinhonha atuaram junto a parceiros da região, que contribuíram seja como fontes para as entrevistas ou mesmo com textos para a publicação.

Para sua produção, o Almanaque não contou com recursos e pessoal específicos, mas envolveu todas as equipes dos projetos de comunicação realizados no âmbito do Polo: o Suporte de Comunicação, a Agência de Comunicação Solidária – ACS -Jequi e o Vozes do Vale. O trabalho reflete não só a aplicação dos conhecimentos adquiridos pelo estudantes em sala de aula, como também é um registro dos aspectos curiosos e relevantes encontrados pelos alunos em seu cotidiano nesses projetos, sendo assim resultado de uma troca intensa de experiências vividas em campo.

2 OBJETIVO

O objetivo do Almanaque é fazer um registro cultural das cidades do Vale, suas peculiaridades, histórias, o jeito de ser do povo. A publicação também tem como propósito reforçar os laços com os parceiros do Programa Polo Jequitinhonha no Vale e proporcionar à comunidade universitária um maior conhecimento da cultura e da vida da região.

A produção do Almanaque também é um incentivo para que os alunos-bolsistas do Polo Jequitinhonha desenvolvam suas habilidades profissionais, no âmbito do jornalismo, das relações públicas e da criação visual, além de experienciarem todas as etapas do processo de produção de uma publicação impressa.

3 JUSTIFICATIVA

Ao longo dos anos, os Almanaques populares têm feito sucesso entre diversos públicos. Inicialmente, entre os séculos XV e XVII, eram destinados ao camponês que não possuía outro meio de informação. A partir do século XIX, na Europa, o almanaque se popularizou e passou a ser distribuído nas praças públicas das cidades. Como aponta Costa,

Os almanaques populares se caracterizam pela capacidade de possuir diversos estilos de textos e repertórios, bem como pela prestação de serviços, utilidades e o uso de um estilo prazeroso e didático de se fazer entender. A presença das ‘variedades’ nos folhetos implica a peculiaridade do entretenimento e lazer. (COSTA, p.2)

Além disso, por serem pautados pelas ações cotidianas dos homens, por suas crenças festas religiosas e sociais, por acontecimentos históricos e anedóticos, os almanaques conquistam um público bem variado, que ultrapassa as classes mais populares e se estende as classes mais abastadas.

Assim, foi devido a seu caráter popular, tradicional, leve e de linguagem simples que o gênero almanaque foi escolhido como a melhor forma de publicação para retratar a cultura popular do Vale do Jequitinhonha. Buscamos uma publicação, na qual a população da região se identificasse e, que ao mesmo tempo, conquistasse o público universitário, para o qual o Almanaque também foi distribuído.

Outra característica do almanaque considerada importante é a possibilidade de mesclar informação e lazer, o que permite que os textos da publicação se aproximem mais das produções populares, abarcando também as lendas, crenças e personagens da região.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O Almanaque foi concebido a partir de metodologias da comunicação - de jornalismo, criação visual e relações públicas. As ações do jornalismo consistiram em

produção de pautas, apuração de dados, entrevistas, redação das matérias, registro fotográfico e organização editorial da publicação.

Para a produção das pautas, foi feito um levantamento junto ao docente coordenador da equipe de comunicação e junto à coordenação do Polo Jequitinhonha, sobre as possíveis matérias. A partir das viagens feitas a várias cidades do Vale e do estabelecimento de parcerias com vários moradores da região, foi possível levantar temas interessantes, divertidos ou curiosos, que retratassem o cotidiano do Vale do Jequitinhonha.

Junto ao levantamento das pautas, surgiram as seções do Almanaque e também as colunas, cujos textos foram produzidos por parceiros do Vale. Assim, o cantor e compositor Rubinho do Vale assinou a coluna sobre brincadeiras. O professor da Faculdade de Educação da UFMG, João Valdir Alves de Souza, ficou responsável pela coluna sobre festas religiosas, tema ao qual dedica estudos. Frei Francisco van der Poel, pela coluna sobre registros da cultura popular e Boaventura Soares, pelas dicas de vida e agricultura. O Almanaque também contou com a colaboração do Grupo Feminino Itaobiense – GRUFEMI – para a elaboração da seção sobre dicas de saúde, da pedagoga Geralda Soares que disponibilizou textos e imagens sobre lendas indígenas e também de estudantes de Ciências biológicas da UFMG e de outras universidades, que colaboraram com a seção sobre a vegetação do Vale.

Feito o levantamento dos assuntos, a equipe se dividiu para a apuração e redação das matérias. Oito estudantes se envolveram na produção do Almanaque. Parte das entrevistas foram feitas por telefone. Outras foram apuradas nas cidades do Vale, com entrevistas presenciais. As bolsistas Eveline Xavier e Fabíola Souza tiveram a oportunidade de viajar para os municípios de Turmalina, Itamarandiba e Minas Novas, especificamente para cumprir algumas das pautas: O monstro de Itamarandiba (Itamarandiba), Tambores de Minas (Minas Novas) e Valdivino: a história na ponta da língua (Turmalina). Também em Turmalina, as bolsistas encontraram Boaventura Soares, responsável pela coluna *Dicas do Boaventura: para vida e agricultura*. Muitas das pautas foram cumpridas pelos estudantes aproveitando as viagens realizadas para cumprir atividades de campo de seus projetos. Em a *Expedição à foz do Jequi*, o bolsista Erick Sanderson relatou sua experiência de conhecer a foz do rio Jequitinhonha. Outras matérias apuradas *in loco* foram: *Quem coloriu os porquinhos do Pasmado?* e *Por que Gê lanchonete não está na internet?*.

O Almanaque contou ainda com matérias de colaboradores, caso de *Faroeste do Baixo Jequitinhonha*, do escritor e historiador Luís Santiago, morador do Vale, e *Casinha*

de Papagaio, da coordenadora do projeto Artesanato Cooperativo, que integra o Polo Jequitinhonha, Terezinha Furiati.

A organização editorial do Almanaque Ilustrado do Jequitinhonha ficou a cargo da bolsista de jornalismo Fabíola Souza. O trabalho editorial consistiu principalmente na organização do material coletado para cada edição, contato com os colaboradores e colunistas, revisão dos textos e elaboração de textos e matérias para algumas seções.

Já o processo de criação visual ficou a cargo da bolsista Bruna Lubambo. A criação visual para o *Almanaque Ilustrado do Jequitinhonha* abrangeu desde a elaboração do projeto gráfico e das ilustrações (capas, miolo, iluminuras, margens), a modelagem de personagens e as fotografias para a fotonovela, a diagramação, a finalização editorial e o acompanhamento da produção junto à gráfica responsável pela impressão do Almanaque.

O diferencial do trabalho de criação visual do Almanaque foi a proximidade e o alinhamento entre a produção de conteúdo textual e o desenvolvimento do desenho da publicação. A bolsista Bruna Lubambo - assim como os bolsistas responsáveis pela elaboração textual - esteve no Vale do Jequitinhonha diversas vezes, tendo oportunidade de apurar *in loco* elementos visuais do Vale.

Assim, o trabalho de criação visual, além de fazer alusão aos elementos tradicionais de almanaques (como a presença de margens bastante trabalhadas, iluminuras, gravuras, grande diversidade tipográfica etc), buscou referências visuais características do Vale do Jequitinhonha.

A presença do Jequitinhonha está, por exemplo, nas ilustrações de capa desenvolvidas a partir de personagens inspirados em figuras tradicionais do Jequitinhonha: a Lavadeira, o Canoeiro e a Boneca de Barro, sempre em um ambiente que remete às fitas coloridas típicas de festas tradicionais, como a Folia de Reis. As contracapas (segunda e terceira capa) também são ilustradas com pequenas situações características do Vale: casinhas coloridas, feira de rua, garrafas de cachaça artesanais, entre outros pequenos cenários.

Por fim, as metodologias de relações públicas contribuíram para o planejamento do evento de lançamento, para as estratégias de distribuição e também para a produção de *releases* e divulgação para imprensa.

Como um dos principais objetivos do Almanaque é o registro da cultura popular do Vale, houve um esforço por parte do Polo Jequitinhonha, para que o Almanaque chegasse até os moradores da região. A primeira iniciativa, neste sentido, foi o lançamento da

primeira edição no Vale do Jequitinhonha, durante o 29º *Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha – o Festivale*, que aconteceu na cidade de Jequitinhonha, em julho de 2011. Na época, a cidade reuniu grupos culturais de toda a região, que levaram exemplares do Almanaque para suas cidades.

A principal estratégia para a distribuição das edições do Almanaque no Vale foi encaminhá-los junto aos membros do programa Polo Jequitinhonha durante suas viagens às várias cidades da região. Nas cidades, os almanaques foram levados a locais públicos, como as prefeituras e centros culturais, de modo que a população pudesse obter seu exemplar.

Outro evento importante para a distribuição do Almanaque, especialmente da terceira edição, foi o *Seminário Visões do Vale*. Realizado em outubro de 2011, o seminário reuniu representantes de várias cidades do Vale do Jequitinhonha, que não só tomaram conhecimento do *Almanaque Ilustrado* como puderam levar alguns exemplares para suas cidades.

Os almanaques também tiveram uma boa repercussão na mídia, principalmente na imprensa local. Sites como o diamantina.com.br, aranas.com.br, diariodojequi.com.br, madeinrubim.wordpress.com, blogdobanu.blogspot.com.br (um dos meios eletrônicos do Vale do Jequitinhonha mais acessado), entre outros, contribuíram para a divulgação e sucesso do Almanaque. Nesse contexto, é importante registrar que os almanaques também foram disponibilizados na versão eletrônica online e para download, no portal do programa Polo.

Uma vez distribuído e bem recebido, o Almanaque Ilustrado do Jequitinhonha também foi um meio do Programa Polo Jequitinhonha criar e manter relacionamentos com seus públicos. Através da publicação, o programa apresentou e reforçou seus objetivos, valores e modo de atuação para a população do Vale do Jequitinhonha, para a comunidade universitária e para outras organizações, corroborando à política colaborativa, e não assistencialista, do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O *Almanaque Ilustrado do Jequitinhonha* é uma publicação de dezesseis páginas coloridas no formato A5 (almanaque fechado) e tiragem de mil exemplares por edição. O miolo foi impresso em papel offset 90g/m² e a capa em papel Couche 115g/m².

Por ser uma publicação com formato pequeno e número reduzido de páginas, as matérias, seções e colunas foram pensadas em tamanho reduzido. Outra preocupação no processo de produção das matérias foi a linguagem, que deveria ser simples, ou seja, com vocabulário acessível a pessoas de diferentes escolaridades, mas sem perder com isso, a criatividade no modo de escrita.

Grande parte dos temas das seções e colunas foi inspirada nos antigos almanaques. Assim, o *Almanaque Ilustrado do Jequitinhonha* traz fases da lua, horóscopo, dicas de saúde, de agricultura, festas religiosas, receitas culinárias, além de “causos”, ditados e anedotas populares.

O Almanaque conta com oito seções fixas: Horóscopo, Fases da Lua, Causos Indígenas, Receita Culinária, Dica de Saúde, Paisagens do Vale e Um certo Jequitinhonhês, além da página de passatempo (Carta – Enigmática, Ligue os Pontos e Caça-Palavras).

A seção sobre Causos Indígenas traz histórias escritas pela índia Cleonice Pankararu e ilustrações do índios Xacriabá do Norte de Minas. O objetivo desta seção foi dar espaço para a cultura indígena do Vale do Jequitinhonha. A primeira edição trouxe a narrativa *A aldeia encantada das cachoeiras de Paulo Afonso e Itaparica*, a segunda, *A chuva e o Kampriô* e a terceira, *A coleta do Morokondô*. Tivemos acesso a estas narrativas por meio da pedagoga Geralda Soares, da cidade de Araçuaí, que desenvolve um trabalho junto aos indígenas da região.

Na seção de receitas culinárias, buscamos valorizar pratos típicos da região. Para isso, trouxemos a Galinhada Caipira e o Doce de Jiló de Araçuaí e a Queimadinha de Chapada do Norte – todas as receitas foram fornecidas por moradores ou restaurantes da região.

A seção *Dicas de Saúde*, tradicional nos antigos almanaques, foi uma contribuição do Grupo Feminino Itaobiense (GRUFEMI) e teve como principal objetivo valorizar o conhecimento medicinal popular. Já a seção sobre paisagens do Vale surgiu da parceria do Polo Jequitinhonha com estudantes de Ciências Biológicas da UFMG e de outras universidades. Buscamos com esta seção não só ressaltar as belezas da paisagem local, como também trazer informações sobre as formas de vegetação do Vale e suas apropriações por parte dos moradores da região. A primeira edição trouxe em destaque as flores Sempre-vivas, a segunda a Copaíba e a terceira a Candeia, ambas árvores.

Por fim, a seção *Um certo Jequitinhonhês* destaca palavras correntes no vocabulário da região. Esta seção foi uma adaptação de alguns verbetes presentes no *Dicionário do*

Dialeto Rural no Vale do Jequitinhonha, resultado de um trabalho de pesquisa da professora da Faculdade de Letras da UFMG, Carolina Antunes. Procuramos destacar nesta seção palavras diferentes e curiosas, que são ou foram usadas por moradores das áreas rurais do Vale do Jequitinhonha.

Além das seções, o Almanaque conta com quatro colunas. A coluna *Brincadeiras* faz um resgate de algumas brincadeiras tradicionais. A coluna sobre festas religiosas traz um pouco da história de algumas festas religiosas tradicionais no Vale. A escolha das festas foi de acordo com os meses de publicação do Almanaque, de modo que as festas ocorressem nos meses da publicação de cada texto. Assim, na edição de julho tivemos a *Festa do Divino*, em agosto, a *Festa de Romaria* e em setembro a *Festa de Nossa Senhora do Rosário*. Já a coluna *Domínio Público do Vale do Jequitinhonha* traz versos e “causos” sobre a cultura e a religiosidade do povo do Vale. Por fim, a coluna *Dicas do Boaventura* traz dicas sobre agricultura e vida.

O Almanaque também foi composto por textos e matérias jornalísticas sobre diferentes aspectos da região. Cidades, lendas e peculiaridades do Vale foram as principais temáticas abordadas.

A primeira edição trouxe cinco matérias. A primeira, intitulada *Procurados* traz a curiosa história do evento que deu origem ao Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, o FESTIVALE. Já *Por que Gê Lanchonete não está na internet?* investiga o fato de uma lanchonete em Virgem da Lapa ter acabado com seu *site*. *Grão Mogol, a história do Grande Diamante* traz as versões sobre a origem do curioso nome da cidade. Já a matéria *Jequi na web* apresenta histórias de *sites* que trazem o Vale do Jequitinhonha como sua principal temática. Por fim, *Um certo Jequitinhonês* apresenta o *Dicionário do Dialeto Rural no Vale do Jequitinhonha*.

A segunda edição do Almanaque apresenta quatro matérias e dois textos. *Faroeste do Baixo Jequitinhonha* é um texto do escritor e historiador Luís Santiago, morador do Vale, que fala sobre alguns conflitos ocorridos na região. Já a matéria *O monstro de Itamarandiba* traz a lenda do monstro, que segundo moradores da cidade, está enterrado debaixo da igreja matriz da cidade. *1965: Mal entendido mobiliza força policial de Jordânia* é uma adaptação aos moldes do texto jornalístico do texto *Israel x Jordânia*, do escritor Tadeu Martins. A matéria *Quem coloriu os porquinhos do Pasmado?* conta como surgiram os coloridos cofrinhos vendidos na beira da estrada do distrito de Pasmado em Itaobim. Já *Retratos do Vale* traz a história do pintor de Padre Paraíso, Gildásio Jardim e

Chapada do Norte: uma pegada legal! revela como uma caixa de sapato deu nome a uma banda de forró da cidade.

A terceira edição foi composta por quatro matérias jornalísticas e um texto. *Expedição à Foz do Jequi* traça um roteiro de como chegar à foz do rio, localizada no município de Belmonte (BA). *Casinha de papagaio*, narra o encontro de Terezinha Furiati com a centenária artesã de Itaobim, dona Pretinha. O texto *Vereador Mariel Lima livra Itaobim de “palmeiras comunistas”* é uma adaptação aos moldes de reportagem do texto *As palmeiras comunistas de Itaobim*, do escritor Tadeu Martins. A matéria *Tambores de Minas* tem como personagem principal o mestre tamborzeiro de Minas Novas, Antônio Bastião e *Valdivino: a história na ponta da língua* traz a história de um historiador autodidata de Turmalina.

Além das matérias jornalísticas, textos, seções e colunas, o Almanaque dedicou uma de suas páginas a passatempos, trouxe também espaço gratuito para anúncios publicitários locais e apresentou em sua primeira edição uma adaptação da lenda do Bicho da Pedra Azul em forma de fotonovela. Nas páginas da publicação, o leitor ainda encontra charadas, trava-línguas e ditados populares.

6 CONSIDERAÇÕES

Por meio deste artigo pudemos perceber como as edições do *Almanaque Ilustrado do Jequitinhonha* contribuem para o registro e divulgação de aspectos culturais do Vale, proporcionando uma interação dialógica entre os conhecimentos acadêmicos e regionais. O Almanaque valoriza o conhecimento popular, ao registrar lendas indígenas, músicas populares, brincadeiras, receitas culinárias, mas também oferece espaço para o conhecimento científico, ao falar sobre as paisagens do Vale e ao registrar palavras e expressões características da região, coletadas a partir de pesquisas da professora Carolina Antunes.

Uma das principais características do processo de produção do Almanaque é a interdisciplinaridade, já que a produção de conteúdo só foi possível por meio do intercâmbio de conhecimentos acadêmicos entre as diversas áreas do conhecimento – comunicação, biologia, letras e criação visual, por exemplo.

Diretriz de projetos de Extensão, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão também pode ser percebida já que a publicação proporcionou que os bolsistas colocassem em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, além de proporcionar

um trabalho com a população local pela valorização da cultura do Vale. Uma das estratégias para tal valorização foi o lançamento da publicação durante o 29º *Festivale*, junto à população da região, tendo o Almanaque alcançado uma ótima repercussão e reconhecimento. Prova disso é fato dos principais sites do Vale do Jequitinhonha divulgarem o lançamento das edições do Almanaque.

O Almanaque também foi reconhecido academicamente como importante ferramenta de registro da cultura do Vale do Jequitinhonha, tendo recebido o prêmio de menção honrosa no *XIV Encontro de Extensão*, realizado em 2011, sendo considerado como um dos 15 melhores projetos de extensão da UFMG entre os mais de 600 projetos avaliados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMANAQUE do Aluá. Rio de Janeiro: SAPÉ: Funarte. CNFCP, nº1. Setembro, 1998. Anual

ALMANAQUE do Aluá. Rio de Janeiro: SAPÉ: Funarte. CNFCP, nº2. 2006.

ALMANAQUE Brasil de Cultura Popular. São Paulo, 2010.

ALMANAQUE Santa Cruz. Belo Horizonte: Publicações Santa Cruz, 1986.

ALMANAQUE Santa Cruz. Belo Horizonte: Publicações Santa Cruz, 1987

ALMANAQUE Santa Cruz. Belo Horizonte: Publicações Santa Cruz, 1988.

COSTA, Adrielle. **Variedades e Traços jornalísticos no Almanaque Brasil de Cultura Popular.** Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/2/21/GT4_02_Adrielle.pdf. Acesso em 11 de abril de 2012>.

MEYER, Marlyse (Org). **Do Almanak aos Almanques.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

NASCIMENTO, Elaine Cordeiro. Vale do Jequitinhonha: Entre a carência social e a riqueza cultural. In: **Contemporâneos: Revista de arte e humanidades.** Nº 4, mai-out 2009. Disponível em: <<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n4/pdf/jequiti.pdf>>. Acesso em 13 de abril de 2012.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org). **Pólo Jequitinhonha – 10 [1996-2006]: a consolidação de uma experiência de desenvolvimento regional.** Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2008.